



17:32

14 de Nissan 5768  
י"ד ניסן תשס"ח  
18 de abril 2008

אַחֲרֵי מוֹת

**Acharei Mot**

**Após a morte**

**Shabat Hagadol**

**שַׁבַּת הַגָּדוֹל**

**O grande Shabat**



18:23

---

## O PROIBIDO É MAIS GOSTOSO

Um dos momentos mais marcantes do calendário judaico é, sem dúvida, o *Iom Kipur*, o dia do perdão, da expiação dos pecados. Em todas as épocas de nossa história, este dia foi sempre reverenciado por seu intenso sentido espiritual. Na porção semanal *Acharei Mot* são narradas as diretrizes para o primeiro *Iom Kipur* realizado ainda no deserto.

Aarão, o irmão de Moisés, foi o primeiro sacerdote a officiar o serviço de *Iom Kipur* e o formato que ele imprimiu perpetuou-se por todas as gerações.

A parte principal desta cerimônia era a oferenda de dois bodes, que deveriam ser idênticos em aparência. Seus destinos, porém, seriam diferentes.

Um deles seria sorteado “para Deus” e levado em oferenda de expiação ao Templo. Daí a expressão “bode expiatório”. O outro iria para “Azazel”, um penhasco no deserto do qual o animal seria atirado.

Nesse ritual destacava-se um personagem: o condutor do bode para *Azazel*.

O caminho para o penhasco era íngreme e vários quilômetros o separava Jerusalém. A incumbência tinha caráter voluntário e o encarregado deveria conduzir o animal, durante o período do jejum, sob o intenso calor do deserto. Missão esta difícil para qualquer indivíduo.

Para esta tarefa, o voluntário deveria também ser alguém conhecedor dos caminhos do deserto.

O Talmud (*Tratado de Yoma – página 67a*) relata um fato interessante sobre o percurso do bode e de condutor. Ao longo do caminho, entre o Templo e o penhasco, eram montadas dez cabanas, uma de forma equidistante da outra. Antes do dia sagrado, elas abrigavam pessoas à espera da passagem do condutor do bode. Quando este chegava a cada uma das cabanas, ele recebia água e alimento e, caso necessitasse, poderia quebrar o jejum para concluir a sua exaustiva jornada. O Talmud termina o relato dizendo que nunca acontecera de alguém quebrar o jejum para alcançar seus pensamentos.

Os sábios ensinam que o sistema das cabanas tinha como objetivo ajudar o condutor a dominar seu imaginário. Qualquer ser humano já teria sentido fome e sede, somente imaginando-se em tal situação: caminhando por quilômetros no deserto, em pleno dia de jejum do *Iom Kipur*. Mesmo um homem acostumado, poderia titubear e não completar a sua incumbência.

Ao saber que a cada trecho de sua viagem haveria a possibilidade e a permissão de quebra do jejum, caso necessitasse, e saciar sua sede, a dificuldade do encargo seria amenizada.

A sabedoria da *Torá* nos ensina que, ao controlar nossas ansiedades, é possível controlar também nossos desejos. As coisas que nos são proibidas geram fantasias, exagerando a percepção da necessidade e do prazer advindo do ato proibido.

Muitas vezes somos levados a cometer erros e a transgredir proibições, apenas por imaginarmos quão tentadores eles são.

Um exemplo clássico é o da pessoa em dieta alimentar. Neste momento de abstinência alimentar, tudo parece mais saboroso, mesmo alimentos que em condições normais não consumiríamos. Igualmente, podemos cobiçar bens alheios, pensando na importância que aquilo teria, embora, pensando bem, no fundo não passe de um simples objeto material. A imaginação tem o poder de inflamar o desejo transformando, a ilusão em algo bem maior do que ele o é na realidade.

O condutor do bode, ao saber que poderia transgredir o jejum a qualquer momento, conseguia um domínio maior de sua sede e fome, superando até mesmo suas necessidades fisiológicas. Por isso, nunca, contou a história, alguém transgrediu ao conduzir o bode ao penhasco.

A mesma idéia encontramos em *Pessach*, na diferença entre a *matzá* e o *chametz*. Os dois são compostos do mesmo material: farinha e água. O único diferencial está no fato de que o pão descansou por mais tempo e fermentou, enchendo-se de ar. O ar, neste caso, poderia representar a imaginação humana, que faz com que materiais idênticos pareçam diferentes, maiores e mais saborosos. Ao nos sentirmos atraídos a comer o *chametz*, devemos nos lembrar que, na verdade, ele não passa de farinha e água, exatamente como a *matzá* que, nestes dias, vem nos lembrar da necessidade de colocarmos o mundo material no seu devido lugar, abaixo das considerações espirituais. .

Aquele que tem clareza entre o que é a realidade e o que é a vontade consegue, inclusive, transpor desertos, mesmo em jejum.

## SHABAT HAGADOL- O Grande Shabat

O *Shabat* anterior a *Pessach* é chamado de *Shabat Hagadol*. Este nome tem origem no *Shabat* anterior à saída do Egito. Naquele ano, o dia 10 de *Nissan* (quatro dias antes da saída do Egito) caiu num *Shabat*. Foi ordenado ao povo pegar os carneiros de seus vizinhos e amarrá-los aos pés de suas camas. Quando perguntados pelos vizinhos sobre o porquê daquele ato, foram instruídos a responder que, passados quatro dias, sacrificariam os carneiros. Levando-se em conta que os carneiros, no Egito, representavam uma das divindades locais, percebemos a dimensão do milagre ocorrido naquele momento. Os egípcios calaram-se perante a situação e, durante quatro dias, somente observaram seus escravos que, por fim, realmente sacrificaram os "deuses" aos olhos dos patrões egípcios, que nada fizeram. Por este e outros milagres ocorridos naquele momento, chamamos esse *Shabat*, até hoje, de "O Grande Shabat".

### Horários para Pessach

Vistoria do Chametz.	5ª feira, 17 de abril, após as 18:15 hs.
Último horário para consumo do Chametz.	Sábado, 19 de abril, às 9:35 hs.
1º Seder.	Jantar de sábado, 19 de abril.
2º Seder.	Jantar de domingo, 20 de abril.

שבת שלום

פסח כשר ושמח